Heitor Megale
Sílvio de Almeida Toledo Neto
Phablo Roberto Marchis Fachin

POR RUMOS DA AGULHA

DOCUMENTOS DO OURO DO SÉCULO XVIII

Série Diachronica

POR RUMOS DA AGULHA

DOCUMENTOS DO OURO DO SÉCULO XVIII

Série Diachronica 7

Coordenação da Série Diachronica
Sílvio de Almeida Toledo Neto
Phablo Roberto Marchis Fachin

- Volume 1:** Carta de Caminha
CAMBRAIA, César Nardelli,
CUNHA, Antônio Geraldo da,
MEGALE, Heitor
- Volume 2:** E os preços eram commodos
BERLINCK, Rosane de Andrade
GUEDES, Marymarcia
- Volume 3:** Cartas Baianas Setecentistas
LOBO, Tânia (org.)
FERREIRA, Perminio Souza
GONÇALVES, Uilton
OLIVEIRA, Klebson
- Volume 4:** Por minha Letra e Sinal
MEGALE, Heitor
TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida
- Volume 5:** Descaminhos e dificuldades: leitura de
Manuscritos do século XVIII
FACHIN, Phablo Roberto Marchis
- Volume 6:** Caminhando mato dentro
MEGALE, Heitor
TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida
FACHIN, Phablo Roberto Marchis

Heitor Megale
Sílvio de Almeida Toledo Neto
Phablo Roberto Marchis Fachin

POR RUMOS DA AGULHA

DOCUMENTOS DO OURO DO SÉCULO XVIII

Edição dos manuscritos por
Andrea Hitos Ferreira
Cláudia Damião Lopes de Almeida Silveira
Elisabete Massami Nishi
Elizângela Nivardo Dias
Heitor Megale
Keila Makarovsky Galvão
Lia Carolina Prado Alves Mariotto
Maria Célia Lima-Hernandes
Paula Held Lombardi Araujo
Phablo Roberto Marchis Fachin
Renata Ferreira Costa
Renata Ferreira Munhoz
Sílvio de Almeida Toledo Neto
Vanessa Martins do Monte

editora cubo
soluções para o universo acadêmico

São Carlos, SP
2015

Copyright © 2012 by
Heitor Megale
Sílvio de Almeida Toledo Neto
Phablo Roberto Marchis Fachin

Revisão de Texto:

Amanda Valeira de Oliveira Monteiro - Ana Claudia de Ataíde Almeida Mota
Ana Claudia Zatorre dos Santos - Elizângela Nivardo Dias
Heitor Megale - Maria Fernanda Brito Resende - Phablo Roberto Marchis Fachin
Renata Ferreira Munhoz - Renata Ferreira Costa - Sílvio de Almeida Toledo Neto
Vanessa Martins do Monte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Por rumos da agulha : documentos do ouro do Século XVIII /
Heitor Megale, Sílvio de Almeida Toledo Neto, Phablo Roberto
Marchis Fachin, (org.) . -- São Carlos, SP : Editora Cubo,
2015. -- (Série diachronica ; v. 7 / coordenadores Heitor
Megale. [et. al.])

ISBN 978-85-60064-64-9

1. Brasil - História - Ciclo do ouro 2. Filologia
3. Manuscritos - Brasil 4. Paleografia 5. Português - Brasil -
História 6. Português - Transcrição 7. Português escrito -
História I. Megale, Heitor. II. Toledo Neto, Sílvio de Almeida.
III. Fachin, Phablo Roberto Marchis. IV. Série.

15-10117

CDD-469.800981

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa : Português escrito : Brasil : História :
Século 18 : Linguística aplicada 469.800981

Apoio

Apresentação

DOI: 10.4322/978-85-60064-64-9_01

São Paulo, nas duas primeiras décadas do século XVIII, período que a documentação deste livro cobre, permaneceu praticamente em estagnação completa, conforme aponta o estudo de Carlos A. C. Lemos (2004:158), reconhecendo que os povoados do Vale do Paraíba continuavam a manter ligação com os arraiais mineiros, que estavam no auge da produção aurífera, fornecendo-lhes os mantimentos, expressão dos documentos da época para os gêneros de primeira necessidade.

O viajante francês, François Froger, que esteve na cidade no final do século XVII, tendo publicado seu relato em 1699, assim se pronunciou, na tradução de Jean Marcel Carvalho França (2001), a respeito de São Paulo: “localizada a dez léguas do litoral, foi formada a partir da união de salteadores de todas as nações, os quais, pouco a pouco, formaram uma espécie de república onde, por lei, não se reconhece um governador. Nessa república, circundada por altas montanhas, não se pode nem entrar nem sair senão por um pequeno desfiladeiro. Tal passagem é fortemente guardada, pois os paulistas além de temerem o ataque dos índios, com os quais estão constantemente em guerra, receiam que seus escravos fujam. O povo da cidade costuma sair em grupos de 40 ou 50 indivíduos, armados de arcos, flechas e espingardas, armas que manipulam com uma destreza inigualável, e atravessar todo o Brasil até o Rio do Prata ou mesmo até o Amazonas. Quatro ou cinco meses depois, quando retornam à cidade, esses grupos trazem consigo mais de 500 escravos, tocados como um rebanho bovino. Depois de domesticados, esses cativos são empregados no cultivo da terra ou na exploração do ouro. A propósito desse metal, os paulistas costumam encontrá-lo em tão grande quantidade que o Rei de Portugal, a quem eles enviam o quinto, tira anualmente de 800 a 900 marcos. Eles pagam esse imposto não por medo, já que são mais poderosos que o Rei, mas sim em razão de um costume herdado de seus pais, que, não estando ainda bem estabelecidos nos seus domínios, para se furtarem à dominação dos governadores, alegaram cuidar melhor do que esses dos interesses reais. Segundo dizem os habitantes locais, eles não são súditos do Rei, mas sim tributários; situação que lhes permite livrarem-se desse jugo quando a ocasião for propícia”.

Depois do descobrimento das minas do sertão de Cataguá, no fim do século XVII, ampliam-se os limites geográficos da busca, que avança por

diversas picadas para os Goiazes. São Francisco das Chagas de Taubaté é um dos pontos de partida de intensa movimentação demográfica, com as armações que atravessavam as gargantas da Mantiqueira em demanda de Vila Rica, atual Ouro Preto, Ribeirão do Carmo, atual Mariana, São João Del Rei, Aiuruoca, Baependi, Ibituruna, Sabará, e muitos outros lugares, sendo que alguns derivavam para picadas que adentravam o oeste, na direção de Pitangui, de onde Garcia Rodrigues Pais Betim correspondeu-se com o Tenente Coronel Major Pedro Taques de Almeida, em carta editada neste livro com data de 1.º de julho de 1715.

Ao mesmo tempo que os horizontes se expandem, amplia-se a variedade de procedência das pessoas que circulam pelas minas. Um Regimento, entre outros do século XVII, mostra a preocupação da Coroa com os interesses da Fazenda Real, sabedora dos desvios e contrabandos. Os aventureiros afluem de todo o mundo, havendo relatos de casais vindos de Portugal, com a mulher dando a luz em canoa monçoeira. Por toda a parte há membros do clero, muitos deles falsos padres, que buscam riqueza. Membros do Conselho Ultramarino, como o conselheiro e desembargador José de Carvalho Abreu, são muito francos em declarar que pretendem evitar-se totalmente que das minas não haja de se extraviar algum ouro sem ser quintado. É pretender o impossível porque, enquanto nelas houver homens ambiciosos, não faltarão descaminhos, tanto pelo dilatado âmbito em que elas se estendem, como porque os homens práticos do sertão, acostumados a vadiá-lo por rumos da agulha, não necessitam de estradas para atravessá-lo e, a cada dia, descobrem novas veredas para fazer suas jornadas com que se poderão desviar daquelas partes donde souberem que serão examinados. Veja-se a respeito o que refere a Consulta, documento de número 68 deste livro. Revela-se que, havendo tirado da Serra do Potosi, desde o ano de 1543 em que foi descoberto até o de 1585, cento e onze milhões de pesos ensaiados, que se haviam quintado, não se envergonha de confessar que o que se furtou a este direito seria outra tanta quantia.

A mineração configura um quadro que alterna euforia e desânimo, definido pela oscilação de picos de riqueza e surtos de miséria, necessidades e doenças, exatamente porque o dinheiro proveniente do ouro, como observa Lemos, nunca gerou abundância para a população em geral. Usufruíam do lucro tão somente os armadores das bandeiras e, sem dúvida, os forasteiros aventureiros mais ainda, mas esses não voltavam. O pesquisador já citado, Carlos A. C. Lemos, considera a elevação da vila bandeirante a cidade, em 1711, uma espécie de consolo, com o título pomposo de Capital da Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, que dura tão somente até 1720, quando as Minas Gerais foram separadas de São Paulo, apagada a lembrança do sangue escorrido no Capão da Traição, na guerra contra os reinóis. Já para Laima Mesgravis, o quadro da estagnação e decadência

é discutível, visto que não houve antes um apogeu, sendo mais acertado reconhecer-se um desenvolvimento lento e constante, considerando-se o crescimento demográfico e a evolução agrária paulista, atestados por Maria Luíza Marcílio (2000).

Avalie-se a comunicação entre pessoas provenientes dos quatro cantos do mundo. Portugueses atravessavam o oceano para “fazer a américa”; além dos espanhóis, que vinham diretamente para as minas, havia aqui a vizinhança com os que haviam vindo para o Paraguai, Peru e outras terras que os tratados atribuíram à Espanha. Hábeis no trato com os negros da terra, esses sabiam pôr tribos contra os portugueses, além de uma tribo contra outra, tirando o benefício desejado.

Os documentos manuscritos, objeto deste livro, dão a conhecer a data e o lugar em que foram escritos, o nome de quem os elaborou e das pessoas envolvidas. Para o pesquisador interessado, são informações que permitem um retrato, o mais fiel possível da língua escrita da época. Salta aos olhos um dos traços fundamentais do conjunto de documentos publicados, a heterogeneidade, característica que se manifesta na convivência de punhos, possivelmente de muitas origens, com diversos graus de habilidade na escrita e detentores de variados hábitos de escrita. Além das características individuais de cada escriba, há que se considerar também as diferentes espécies documentais, públicas ou particulares, elaboradas com base em diferentes modelos e em diferentes contextos. A partir desses fatores, evidencia-se, nos textos que compõem esse *corpus*, um vasto panorama para os estudos filológicos e linguísticos. Com a cautela exigida, é possível buscarem-se indícios de retenção *linguística* em traços presentes na variedade padrão ou não-padrão escrita da época, e hoje encontrados, no Brasil, com maior frequência na fala coloquial, mais especificamente de idosos, com baixa escolaridade, criados e radicados em ambiente rural. Pode-se afirmar que o recorte documental reunido constitui-se em conjunto de escritos que pretende retratar, de forma ampla, o estado de língua do período, por meio de edição conservadora. A abordagem é ampla por trabalharmos com a hipótese de que, apesar de estarmos limitados ao texto escrito, pode esse espelhar, em maior ou menor grau, a língua falada na época, na perspectiva de John M. Monteiro (2004) que reconhece um continuum da língua geral ao dialeto caipira, que os documentos constantemente confirmam.

Com este livro a Série Diachronica, na sua linha de publicações continua no século XVIII. São documentos manuscritos pesquisados no âmbito do Projeto Temático Filologia Bandeirante. Neste volume, o *corpus* reúne setenta e cinco documentos, o primeiro datado de 16/03/1701 e o último, de 08/06/1719. Em sua edição semidiplomática, esses documentos distribuem-se por quatro mil, duzentos e quarenta e três linhas de texto corrido.

Os documentos manuscritos publicados procedem de múltiplos arquivos públicos e bibliotecas, e foram reunidos a partir da leitura de originais ou de fac-símiles. Estão aqui documentos avulsos relativos ao Estado do Brasil, provenientes do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa e recolhido pelo Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”, material que se encontra disponível, na forma de CD-ROM, em arquivos públicos e bibliotecas. No Arquivo “Histórico Municipal Félix Guisard Filho”, de Taubaté, onde há inestimável acervo referente a sertanistas e seus familiares: cartas particulares, cartas de créditos, escrituras, inventários, testamentos e partilhas são tantos documentos cuja leitura permite conhecer, tanto quanto possível, aspectos do quotidiano da então Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, e encontrar registro da presença de familiares no sertão. Outros acervos documentais pesquisados preservam-se nas seguintes instituições: Instituto de Estudos Brasileiros, Museu Paulista, Arquivo Público do Estado de São Paulo, Arquivo Público Mineiro, Fundação Biblioteca Nacional e Biblioteca Nacional de Portugal.

O livro compõe-se de cinco capítulos, sendo que o capítulo I trata da escrita do século XVIII, examinada a partir das características apresentadas pelos manuscritos editados. Há dois estudos, um dos quais trata da escrita, mostrando a variedade das letras e levantando o alfabeto miúsculo e minúsculo, e o outro apresenta a descrição e a classificação de abreviaturas, com atenção especial para as abreviaturas, privilegiando a variação gráfica em documentos provenientes do Conselho Ultramarino, visto que outro livro desta Série tem por objeto de estudo específico a escrita e as abreviaturas nos documentos taubateanos.

O capítulo II traz a identificação e definição de todas as espécies documentais editadas, segundo os critérios estabelecidos pela Diplomática. Em seguida, apresenta-se um quadro com a relação integral dos documentos, que inclui o número de ordem, número da primeira e da última linha, a espécie documental, data tópica, palavras iniciais do texto e data cronológica.

O capítulo III compõe-se de fac-símiles selecionados com base na boa qualidade dos originais, considerando-se o suporte material e a nitidez do texto. A par do fac-símile, na página à direita do leitor, apresenta-se lição justalinear, que respeita a distribuição de linhas do manuscrito. O cotejo entre o fac-símile e o texto transcrito permite ao leitor conferir em detalhe os critérios seguidos, como também possibilita o exame de aspectos paleográficos do manuscrito apagados na transcrição, tais como as variantes morfológicas das letras em seu contexto de ocorrência, o uso de abreviaturas e outros hábitos gráficos que evidenciam as idiossincrasias de cada escriba.

No capítulo IV, encontra-se a lição modernizada dos setenta e cinco

documentos transcritos. Os textos modernizados apresentam-se em ordem cronológica. O propósito desse capítulo é dar a conhecer ao público não-especializado o conteúdo dos documentos, a partir de textos que permitam uma leitura fluente.

No capítulo V, encontram-se as normas adotadas na edição semidiplomática dos textos. Trata-se das Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil, aprovadas durante o II Seminário Para a História do Português Brasileiro, realizado em Campos do Jordão, no ano de 1998. Além disso, traz a lição semidiplomática dos textos, que preserva fielmente o estado de língua dos manuscritos do *corpus* e, ao mesmo tempo em que facilita o acesso ao texto, eliminando dificuldades apresentadas por lacunas do original, pela letra manuscrita e por abreviaturas da época, fornece ao estudioso um instrumento de trabalho indispensável para a pesquisa da escrita e da língua utilizadas na época.

Por fim, a bibliografia disponibiliza títulos teóricos, trabalhos similares publicados e estudos de grande interesse para o conhecimento da época, predominando os históricos.

Bibliografia

- ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de manuscritos**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1994.
- ALMEIDA, Antônio Paulino de. “Deterioração da escrita e leitura paleográfica”, **Boletim do Departamento do Arquivo**. V. 10, fev., São Paulo, 1953.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade (Coord.). **Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (1644-1830): catálogo 1**. Bauru, São Paulo: Edusc, Fapesp, Imesp, 2000.
- AZEVEDO FILHO, L. A. **Iniciação em Crítica Textual**. Rio de Janeiro, São Paulo, Presença, Edusp, 1987.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. “Glossário das espécies documentais”. In: ARRUDA, José Jobson de Andrade (Coord.) BELLOTTO, Heloísa Liberalli e REIS, Gilson Sérgio Matos (org.) **Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (1644-1830): Catálogo 1**. Bauru, EDUSC, 2000.
- BERWANGER, Ana Regina, LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. Santa Maria: UFSM, Centro de Ciências Sociais e Humanas, 1991.
- BISCHOFF, Bernhard. **Latin paleography: antiquity and the middle ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- CAMBRAIA, César Nardelli, CUNHA, Antônio Gerado da, MEGALE, Heitor. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Série Diachronica, 1, São Paulo, Humanitas, 1999.
- CAMBRAIA, César Nardelli, MIRANDA, José Américo. **Crítica Textual: reflexões e práticas**. Belo Horizonte, Núcleo de estudos de Crítica Textual, Faculdade de Letras da UFMG, 2004.
- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à Crítica Textual**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- CARLO, Agustín Millares. **Paleografía española: ensayo de una historia de la escritura en España desde el siglo VIII al XVII**. Barcelona, Buenos Aires: Labor, 1929.
- COELHO, Maria Helena da Cruz, SANTOS, Maria José Azevedo, GOMES, Saul Antonio, MORUJÃO, Maria do Rosário. **Estudos de**

- diplomática portuguesa.** Coimbra, Edições Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2001.
- CONTRERAS, Luis Núñez. **Manual de paleografia: fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII.** Madrid: Editorial Cátedra, 1994.
- COSTA, Avelino de Jesus da. **Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos.** 3. ed. muito melhorada. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Instituto de Paleografia e Diplomática, 1993.
- COSTA, Pe. Avelino Jesus da. **Álbum de paleografia e diplomática portuguesa.** Coimbra, Universidade de Coimbra, 1976.
- DIAS, João José Alves; OLIVEIRA MARQUES, Alexandre Herculano de; RODRIGUES, Teresa F. **Álbum de Paleografia.** Lisboa, Editorial Estampa, 1987.
- DAIN, Alphonse. “Il problema della copia”, in: STUSSI, Alfredo. (a cura di) **La Critica del testo.** Bologna, Il Molino. 1985.
- DONATO, Ernani. **A palavra escrita e sua história,** São Paulo, Melhoramentos, 1951.
- FACHIN, Phablo Marchis. **Descaminhos e dificuldades: leitura de manuscritos do século XVIII.** Goiânia, Fapesp, Trilhas Urbanas, 2008.
- FERREIRA, Tito Lívio. “A paleografia e as suas dificuldades”, **Boletim do Departamento de Arquivo do Estado de São Paulo.** v. 10, fev., São Paulo, 1953.
- FIGUEIREDO, Manuel de Andrade de. **Nova escola para aprender a ler, escrever, e contar.** Lisboa Occidental: Officina de Bernardo da Costa Carvalho, [s.d.].
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. “Inventários e testamentos como fontes primárias de pesquisa”, **Boletim Histórico e Informativo do Arquivo do Estado de São Paulo.** Vol. 3, n. 2, pg. 53-56, abr. – jun., São Paulo, 1982.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX.** 2 e., São Paulo, UNESP, Arquivo do Estado de São Paulo, 1991.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A São Paulo dos celerados.** Trópico - Idéias de norte a sul, São Paulo, , v. 1, 22 jan. 2004.

GARCÍA, Elisa Ruiz. La escritura humanística y los tipos gráficos derivados. In: TERRERO, Ángel Riesco (ed.), **Introducción a la paleografía y la diplomática general.** Madrid: Editorial Síntesis, 2000, p. 149-176.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de Bibliologia.** V. 2, Rio de Janeiro, MEC, INL, 1967.

LEMONS, Carlos A. C. Organização urbana e arquitetura em São Paulo dos tempo coloniais, in: PRADO, Antonio Arnoni (et alii) **História da Cidade de São Paulo: A cidade colonial 1554-1822.** V. 1, p. 145-177, São Paulo, Paz e Terra, 2004.

LIMA, Yêdda Dias. Paleografia. **Apostila do curso sobre paleografia.** São Paulo: IEB, Universidade de São Paulo, 2006.

MAIA, Clarinda de Azevedo. **História do galego-português: estado lingüístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI.** Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

MARCÍLIO, Maria Luíza. **O crescimento demográfico e a evolução agrária paulista: 1700-1836.** São Paulo: Hucitec, EDUSP, 2000.

MARIANA, Manuel Sánchez. **Introducción al libro manuscrito.** Madrid: Editorial Arco Libros, 1995.

MARQUES, Antônio Henriques de Oliveira. “Diplomática”, in: SERRÃO, Joel. **Dicionário de História de Portugal e do Brasil.** V. 2, p. 823-828, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971.

MARQUES, Antônio Henriques de Oliveira. “Paleografia”, in: SERRÃO, Joel. **Dicionário de História de Portugal e do Brasil.** V. 5, p. 292-298, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971.

MARTÍNEZ, Tomás Marín. **Paleografía y diplomática.** Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2002.

MARTINS, Wilson **A palavra escrita.** São Paulo, Anhembi, 1957.

- MEGALE, Heitor. “Pesquisa Filológica: os trabalhos da tradição e os novos trabalhos em língua Portuguesa” in: **Estudos Lingüísticos (Grupo de Estudos Ligüísticos do Estado de São Paulo)**. 27, p. 3-28, São José do Rio Preto, IBILCE, Unesp, 1998.
- MEGALE, Heitor. “Filologia Bandeirante” in: **Itinerários**. 13, p. 11-31, Araraquara, Unesp, 1998.
- MEGALE, Heitor. “Documentos brasileiros do século XVIII para estudo lingüístico” in: **Estudos Lingüísticos (Grupo de Estudos Ligüísticos do Estado de São Paulo)**. 29, p. 309-314, Assis, Faculdade Unesp, 2000.
- MEGALE, Heitor. (org.) **Filologia Bandeirante; Estudos 1**. 29, p. 309-314, São Paulo, Humanitas, 2000.
- MEGALE, Heitor e CAMBRAIA, César Nardelli. “Filologia Portuguesa no Brasil” in: **DELTA Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**. 15, n. especial, p. 1-22, São Paulo, Educ, 2000
- MEGALE, Heitor, TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida, (Org.) **Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII**. São Paulo, Ateliê, FAPESP, 2005.
- MEGALE, Heitor. TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida, FERREIRA, ANDREA Hitos e SOUZA, Erica Cristina Camarotto de. “A leitura de manuscritos em Português: documentação do século XVII” in: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo e GONÇALVES, Maria Filomena (Org.) **Novas Contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa**. P. 127-158, Araraquara, Unesp, 2007.
- MENDES, Ubirajara. “Evolução das escritas: tipos caligráficos”, **Boletim do Departamento do Arquivo**, v. 10, fev., São Paulo, 1953.
- MENDES, Ubirajara. **Noções de paleografia**. São Paulo, Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1953.
- MESGRAVIS, Laima. De bandeirante a fazendeiro in: PRADO, Antonio Arnoni (et alii) **História da Cidade de São Paulo: A cidade colonial 1554-1822**. V. 1, p. 115-143, São Paulo, Paz e Terra, 2004.
- MONTEIRO, John M. Dos campo de Piratiniga ao Morro da Saudade in:

- PRADO, Antonio Arnoni (et alii) **História da Cidade de São Paulo: A cidade colonial 1554-1822**. V. 1, p. 21-67, São Paulo, Paz e Terra, 2004.
- MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia brasileira do período colonial**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1969.
- MOURA, Américo de. “Paleografia: definição e generalidades”, **Boletim do Departamento do Arquivo**. V. 10, fev., São Paulo, 1953.
- NESBITT, Alexander. **The history and technique of lettering**. New York: Dover Publications, 1957.
- NISHI, Elisabete Massami. Estudo grafemático de documento do século XIX, in: **CD Estudos Lingüísticos, 30.º Seminário do GEL**. Marília, 2001
- NISHI, Elisabete Massami. Edição de manuscritos brasileiros: estudo do <h> e das nasais, Carta de ordem de viagem do século XVIII, in: **CD Estudos Lingüísticos, 30.º Seminário do GEL**. Marília, UNESP, 2002
- RODRIGUES, José Honório. **As fontes de História do Brasil na Europa**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950.
- SILVA NETO, Serafim da. **Textos medievais portugueses e seus problemas**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.
- SILVEIRA, C. D. L. de A. Carta de ordem de viagem do século XVIII, em **CD Estudos Lingüísticos, 30.º Seminário do GEL**. Marília, 2001
- SILVEIRA, C. D. L. de A. O uso das sibilantes em textos militares dos séculos XVIII e XIX, em **CD Estudos Lingüísticos, 30.º Seminário do GEL**, Marília, UNESP, 2002
- SILVEIRA, C. D. L. de A. Documentação do Yguape, em **Filologia e Lingüística Portuguesa**. 5, p. 205-217, São Paulo, FFLCH da USP, 2003
- SILVEIRA, C. D. L. de A. Edição e estudo de uma carta de 1825, em comunicação no 32.º Seminário do GEL, Taubaté, 2003 (inédito).
- SOUSA JÚNIOR, Antônio. “Manuscritos do Brasil nos arquivos de Portugal”, **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Militar do Brasil**, n. 49, p 55-72, Rio de Janeiro, 1965.

- SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica**. 2 e., São Paulo, Edusp, Ars Poética, 1994.
- TOLEDO NETO, S. de A. Constituição de corpus de documentação do século XVII, XVIII e XIX (PB-São Paulo), em DUARTE, M. E. e CALLOU, D. (ed.) **Para a História do Português Brasileiro**. V. IV, Rio de Janeiro, 20-02, p. 39-48.
- TOLEDO NETO, S. de A. Uma incursão nas trilhas das bandeiras: edição semidiplomática do testamento de Bartolomeu da Cunha Gago, 1685, comunicação no 51.º Seminário do GEL, Taubaté, Unitau, 2003 (inédito).
- VALENTE, José Augusto Vaz. **Álbum de paleografia portuguesa**. São Paulo, USP, ECA, 1983.
- VALENTE, José Augusto Vaz. **De re paleografica**. Marília, FAFI, 1983.

Os documentos manuscritos, objeto deste livro, dão a conhecer a data e o lugar em que foram escritos, o nome de quem os elaborou e das pessoas envolvidas. Para o pesquisador interessado, são informações que permitem um retrato, o mais fiel possível da língua escrita da época. Salta aos olhos um dos traços fundamentais do conjunto de documentos publicados, a heterogeneidade, característica que se manifesta na convivência de punhos, possivelmente de muitas origens, com diversos graus de habilidade na escrita e detentores de variados hábitos de escrita. Além das características individuais de cada escriba, há que se considerar também as diferentes espécies documentais, públicas ou particulares, elaboradas com base em diferentes modelos e em diferentes contextos. A partir desses fatores, evidencia-se, nos textos que compõem esse corpus, um vasto panorama para os estudos filológicos e linguísticos. Com a cautela exigida, é possível buscarem-se indícios de retenção linguística em traços presentes na variedade padrão ou não-padrão escrita da época, e hoje encontrados, no Brasil, com maior frequência na fala coloquial, mais especificamente de idosos, com baixa escolaridade, criados e radicados em ambiente rural. Pode-se afirmar que o recorte documental reunido constitui-se em conjunto de escritos que pretende retratar, de forma ampla, o estado de língua do período, por meio de edição conservadora.